

Partindo do modelo de Algirdes Julian Greimas, para quem, a narrativa de ficção apresenta três níveis de representação: - o manifesto (leitura linear), o das estruturas narrativas (nível latente) e o nível da estrutura profunda, em que se efetivam, ao mesmo tempo, as leituras sintagmática e paradigmática, procede à abordagem das mais ricas de toda a obra de O.G. Rêgo de Carvalho. Analisando-lhe as estruturas de parentesco entre os diversos personagens que participam da trama narrativa para relacioná-la com o problema da lacuna, que constitui o nódulo central da narrativa, a qual se superpõe em vários planos na obra analisada, através da qual procura surpreender o fio condutor do processo narrativo, e a intertextualidade, com que surpreende a superposição de vários textos ao longo da obra de O.G., realiza a autora, com profundidade, estudo dos mais minuciosos da trama novelística da obra de O.G. Rêgo de Carvalho.

Quanto ao problema da intertextualidade a abordagem se nos apresenta das mais perfeitas.

"Considerando que o texto literário [só] palavras do autor] guarda em si numeros significados, em razão de ser escrito numa linguagem poética, procuraremos apontar em Rio Subterrâneo algumas relações intratextuais e tentaremos comprovar que este texto de O.G. Rêgo de Carvalho remete-nos, igualmente, a outros textos do próprio autor, os quais, pontilhados no tempo, guardadas no inconsciente, entre agem-se, constituindo um tecido intratextual". (pág. 46).

A seguir, ainda continuando a linha de raciocínio, seguindo a qual o prazer de escrever se soma ao da realização de um texto perfeito, preocupação que constitui o cerne da realização literária de O.G. Rêgo que, dia a dia, de edição para edição, modifica substancialmente o texto escrito, afirma a seguir a autora, seguindo, no particular, a lição de Barthes:

"Analizando a significância do ato da criação e o prazer inherente ao ser criado, que o leva a diferentes leituras do seu texto, em busca da perfeição, Barthes considera que estas ações sucessivas conduzem a escrita à fruição, à realização plena, pela prática textual. Para ele, o prazer da escritura nasce do prazer da leitura. Escrever é ler somam-se e ocorrem simultaneamente, e o principal leitor do texto é o seu próprio criador. O hábito da leitura conduz ao prazer da escritura". (pág. 46)

No mesmo passo refere uma opinião de Lotman, ao argumentar em seu estudo, A Estrutura do Texto Artístico, que "criados como obras distintas, funcionam posteriormente como sendo as partes de um texto mais amplo da mesmo autor, de outros autores ou de um autor anônimo". (Pág. 47).

Para exemplificar e ainda segundo as palavras da autora, o primeiro trabalho de O.G., "Ulisses Entre o Amor e a Morte" reaparece, na edição de Amor e Morte, que é dividido em duas partes. A primeira - Contos, está constituída de sete narrativas; a segunda - Novelas - consta de duas histórias. Ao termos os contos e novelas da obra, confirmamos

que, já a partir do primeiro livro, O.G. Rêgo entrelaça uma narrativa na outra". (Pág. 48).

Passando da "intertextualidade", que é a absorção da experiência literária dos grandes textos da literatura brasileira e universal, como Machado de Assis, Shakespeare ou os grandes dramaturgos gregos, como Sófocles, que abordou em sua obra-prima Édipo-Rei, o problema do incesto, de que exaustivamente trata a autora neste livro, a propósito das ligações de parentesco existentes na obra agerregiana, realiza a Professora Maria Figueiredo uma abordagem das influências parenturais dominantes ou da similitude de processos de composição literária, acrescentamos nós, entre a estética literária de O.G. e a dos mestres da arte literária, em escala universal, como os já citados.

Mas, é forçoso concluir, pois a nossa tala já vai além do previsto, talvez pela magnitude do tema e da forma como foi tratado nestes dois grandes livrinhos:

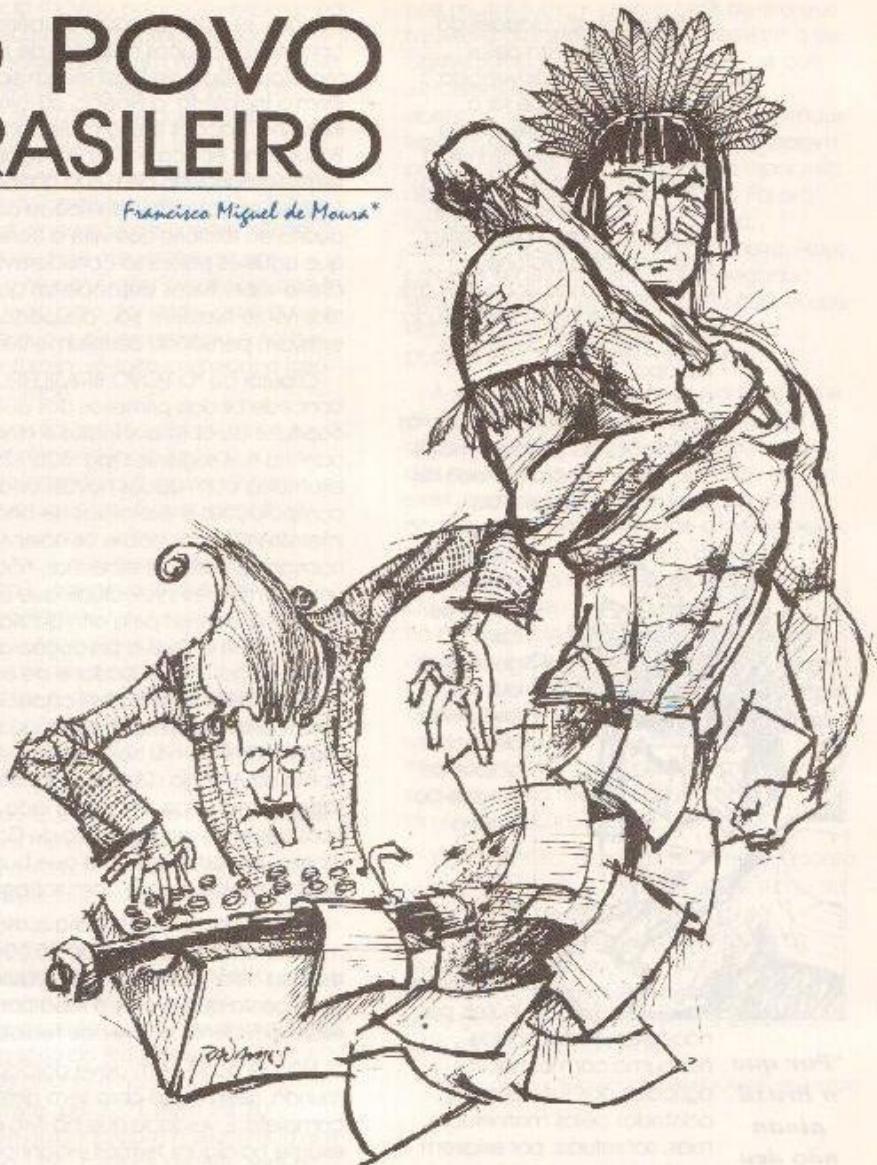
De minha parte, congratulo-me sinceramente com os dois eminentes professores desta Universidade por se haverem, de forma tão brilhante e eloquente, realizado obras tão valiosas para a nossa cultura e que chegariam como mais uma pedra na construção do pedestal da glória literária deste amado escritor da nossa terra, o mais alto de minha geração e um dos maiores do Brasil.

Desejo particularmente expressar o quanto me sinto gratificado em traçar o breve perfil desses dois livros de autores sapiente com os quais convivo diuturnamente em nossas discussões intelectuais e dos quais devoto, de modo especial à minha estimada ex-aluna do Liceu e da FAFI, Profª Maria Figueiredo, a maior amizade e a mais alta admiração.

\*Palestra feita na Universidade Federal do Piauí em 10.11.1995.

# O POVO BRASILEIRO

Francisco Miguel de Moraes\*



Há autores que menosprezam a nossa fração índia. Não é o caso de Darcy Ribeiro, talvez o mais profundo estudioso dos assuntos indígenas. Seu recente livro denominado "O POVO BRASILEIRO", com o subtítulo "A formação e o sentido do Brasil", Companhia das Letras, São Paulo, 1995, 449 pgs., deixa muito claramente a importância dos índios em nossa constituição como povo, no sangue como na herança dos seus costumes e conhecimentos. Um deles, por exemplo, é o cultivo da mandioca, "que constitui uma façanha extraordinária, porque se tratava de uma planta venenosa e a qual eles deviam, não apenas cultivar, mas também tratar adequadamente para extrair-lhe o ácido clanídrico, tornando-a comestível". (pg.31)

Sobre as dificuldades da conquista da terra pelos portugueses, após vencida a primeira etapa que foi a conquista de quase todo o litoral, já então se referindo à tarefa do 'mameluco' como captor dos índios e 'agente principal da história brasileira', Darcy faz esta profunda análise, que não encontrei, até hoje, em nenhum outro estudo: 'Esses Tapuia' - e destaca o Kayapó - "eram, principalmente, povos de sistema adaptativo ajustado às condições do cerrado, muito contrastante com o modo de vida dos agricultores da

floresta tropical. Sua própria forma de fazer a guerra era outra, preferindo desferir golpes de tacape ou varar o inimigo com lanças. Como cativos, eram quase inúteis por

não terem familiaridade nenhuma com os hábitos agrícolas dos Tupi-Guarani adotados pelos mamelecos, mas, sobretudo, por exigirem vigilância permanente para não fugirem, matando, se possível, seu captor". (p.111)

Darcy Ribeiro

Sem os índios da costa brasileira, a conquista do Brasil, no primeiro século, não teria sido possível. E depois, sem os nossos "mamelecos" ou "brasiliários", os quais somariam cerca de 14



**"Por que  
o Brasil  
ainda  
não deu  
certo?"**

milhões, se considerados também no conjunto os poucos mestiços de negro, as terras que são hoje Brasil teriam sido rateada com a Inglaterra, a França, a Holanda e a Espanha, nações muito mais poderosas que Portugal na época. Talvez Portugal não tivesse alcançado nem o já ganho limite de Tordesilhas, talvez tivesse ficado com um quarto do território que viria a conquistar. É que aqueles países só consideravam o direito sobre terras descobertas que realmente tivessem sido ocupadas, no que estavam pensando corretamente.

O autor de "O POVO BRASILEIRO" concede os dois primeiros dos quatro capítulos da obra aos índios e ainda adentra nos seguintes (pg. 328/329, por exemplo), com dados novos, estatísticas, comparações e exercícios de análise interessantíssimos, sobre os nossos primitivos habitantes. Seria de estranhar, não fosse 'ele um dos maiores intelectuais que o Brasil já teve'. Não apenas pela alta qualidade do seu trabalho e de sua produção de antropólogo, de educador e de escritor, mas também pela incrível capacidade de viver muitas vidas numa só, enquanto a maioria de nós mal consegue viver uma", como diz Antônio Cândido, da altura do seu saber humanístico. Por nosso lado, consideramos um novo livro de Darcy Ribeiro um festa, uma jóia que buscamos com interesse, quase com saudade.

Mas Orides Fontela, poeta e maluca, em matéria da revista "Veja" de 25.10.95, declara estar lendo "O Povo Brasileiro" e acrescenta que "Darcy é rebarbativo e escreve fedento em vez de fedido".

Não se pode nem deve agradar a todo o mundo. Nem existe obra sem defeito, livro completo. É verdade que no livro em exame há alguns termos estranhos ao todo, mas não chegam a predominar. São apenas alguns senões, palavras e frases não de todo agradáveis. Poucas. De forma que podemos considerá-lo, como Antônio Cândido, um ótimo escritor e "O Povo Brasileiro" um excepcional texto científico, embora vá além, como diz o próprio Darcy Ribeiro, no final do prefácio: "Não se iluda comigo, leitor. Além de antropólogo, sou homem de fé e de partido. Faça política e

faço ciéncia movido por razões éticas e por fundo patriotismo. Não procure, aqui, análises isentas. Este é um livro que quer ser participante, que aspira influir sobre as pessoas. "que aspira ajudar o Brasil a encontrar-se a si mesmo". (pg. 17)

A eterna pergunta de Darcy Ribeiro, em todas as suas obras tem sido uma só: "Por que o Brasil ainda não deu certo?" Certa feita ele disse, não me lembro se em entrevista a algum órgão jornalístico, que "o Brasil tem tudo para dar certo, para que se transforme num país progressista e numa nação venturosa, só falta começar a fazê-lo. Falta vontade".

Com relação aos séculos de colonização e aos de "independência formal", só um elogio Darcy dispensa à classe dirigente, ou seja, aos portugueses, o qual, para ficar bem claro, transcrevemos: "A unidade nacional, viabilizada pela integração econômica sucessiva dos diversos implanos coloniais, foi consolidada, de fato, depois da Independência, como um objetivo expresso, alcançado através de lutas cruéis e da sabedoria política de muitas gerações. Esse é sem dúvida, o único mérito indiscutível das velhas classes dirigentes brasileiras". (pg. 22)

Concede que este é um livro de crítica, mas também exemplar e de verdade. Talvez, com "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre, que estuda minuciosamente a miscigenação do branco com o negro e faz a apologia das qualidades do mulato, forme a dupla de maior importância para o conhecimento do Brasil - ambas indispensáveis, este a partir de agora, para um estudo sério do Brasil brasileiro. Darcy Ribeiro põe dúvida e não poupa nem Gilberto Freyre (pg. 237), nem Sérgio Buarque de Holanda com o seu "o homem cordial" (pg. 167), nem os jesuitas, seja o santo José de Anchieta ou o culto Antônio Vieira, que seguiam à risca as ordenações do reino, muito ambíguas mas no fim de contas priorizavam a ação de levar a indiada toda para as hostes da Igreja, quer através dos aldeamentos, quer como trabalhadores, escravos e "arrendados", para aumentar a glória de Deus e os benefícios do rei. E, se não fosse possível,

pois muitos fugiam para o mais dentro que houvesse dos sertões e daí passavam a ser conhecidos como "os retirados" - os que restassem seriam todos mortos; de doenças, de fome, nas guerras e nos maus tratos. E era melhor, desta forma, entrarem para o reino de Deus, segundo a hipocrisia desses agentes da nossa história. Foi um genocídio de projeção espantosa, classificação do próprio Darcy Ribeiro. Pelos cálculos mais modestos, só no segundo século (1600-1700) foram 2.000.000, o que equivalia, na época, a duas vezes a população do reino de Portugal.

A resposta a suas próprias indagações e às do leitor está antecipada na pg. 227, depois do estudo da miscigenação e da cita inexistência do preconceito de cor, no Brasil, quando, então afirma: "Tudo isto demonstra, claramente, que a democracia racial é possível, mas só é praticável conjuntamente com a democracia social. Ou bem há democracia para todos, ou não há democracia para ninguém", pois "o que desgarra e separa os brasileiros em componentes apóstoles é a estratificação de classes. Mas é ela que, do lado de baixo, unifica e articula, como brasileiros, as imensas massas predominantemente escuras, muita mais solidariamente cimentadas como tal".

Darcy Ribeiro, desabusadamente, aponta um novo rumo aos historiadores: o rumo da verdade, da pesquisa com amor e determinação. A história se faz todos os dias. Deve, portanto, ser repensada e reescrita a cada espaço não maior que uma geração, sem esquecer o passado, sem esquecer as origens.

\*Da Academia Piauiense de Letras

# EÇA DE QUEIROZ no Piauí

Dagoberto Cavallha Jr.\*

**P**ara este ano jubilar de Eça de Queiroz, sesquicentenário do nascimento do "pobre (grande) homem da Póvoa de Varzim", organizaram os ecaianos ou queirozianos de todas as latitudes, as mais diversas e significativas homenagens. No Recife, a sociedade Eça de Queiroz, de que participo sem abuir mão da condição de piauense apenas recifestizado - como diria Gilberto Freyre - e também da situação de titular da Academia Piauiense de Letras que, de algum modo, represento, tem marcado tentos extraordinários. Consagraram-se os nossos jantares ecaianos, editamos livro e revista, realizamos conferências, jornada e seminário de que vieram participar expoentes queirozianos da atualidade portuguesa, como Carlos Reis, A. Campos, Matos e Dário de Castro Alves. A Prefeitura da Cidade restaura a Praça Eça de Queiroz para inaugurar, em 25 de novembro, com a assinatura do grande escultor Abelardo da Hora, o busto da criador de Os Maias. A Universidade de São Paulo, através de seu Centro de Estudos Portugueses - à frente, a Profª Elza Miné - realizou, com sucesso, em setembro, o III Encontro Internacional de Queirozianos. Agora, é a vez do Piauí. Novembro nos presenteará com um seminário patrocinado pela nossa Universidade, pela Academia Piauiense de Letras e pelo Conselho Estadual de Cultura. Se em 1912 a campanha piauiense pelo monumento brasileiro de Eça de Queiroz teve a marca das antecipações de Zito Baptista, a presença do Piauí no sesquicentenário traz a marca queirozianamente consagrada aquém e além mar - parafraseando Teodósio Raposo - do Presidente M. Paulo Nunes, mestre em Eça e n' outros saberes.

**P**resença



Sobrava, pois, razão a Zito Baptista no movimento de 1912. Por todos os títulos, a campanha nacional liderada pelo poeta Matheus de Albuquerque para o monumento de Eça, no Rio, era das mais justas. Poucos escritores, até então - como, ainda depois de muito tempo - foram tão lidos, estudados e queridos no Brasil. Ademais, como escreveu Zito Baptista em artigo para o Diário do Piauí, de 21 de julho daquele ano, "Eça - observe-se-lhe o poder crítico de compreensão e apreensão do fenômeno literário - é tanto de Portugal como do Brasil, tanto nosso como do universo inteiro. Até mesmo a sua sátira não nos deixou de parte e andou a nos fazer cócegas, provocando o nosso zelo e o nosso magoado patriotismo". Quanta influência decisiva de Eça em nossa literatura, diz ser "um caso raro de discussão", argumentando-se. Inclusive, em palavras de Clodoaldo Freitas que - contrário à homenagem - reconhecia, no entanto, considerar Eça "o maior dos escritores portugueses (porque) não é debaide que um escritor atravessa com a luz do seu talento o horizonte intelectual de outro escritor" (Diário do Piauí, 18.VII.1912). Palavras, as do grande Clodoaldo Freitas, que comportam - paradoxalmente - o implícito reconhecimento da influência de Eça, a nível mesmo de escola literária.

Éça de Queiroz é tanto de Portugal como do Brasil. A literatura de expressão portuguesa transcende os limites geográficos dos países que falam o idioma de Fradique Mendes, para cuja grandeza muita contribuiu Éça, com os seus "vinte séculos de civilização" e com a linguagem fortemente renovadora de seus escritos. Quem o reconhece, oficialmente, neste momento histórico do sesquicentenário é, também, o nosso poder público, incluindo Éça de Queiroz em série de selos a ser lançada neste 27 de outubro, com os brasileiríssimos e não menos portuguesamente universais, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga. Zito Baptista tinha razão!

Voltando à questão da estátua de Éça de Queiroz que movimentou, em 1912, nossa animada vida cultural centrada no jornalismo literário - um dos mais ricos momentos da história da cultura piauiense - deparamo-nos, nas "folhas", com nomes do porte de Clodoaldo Freitas, Zito Baptista, Arimatéa Tito e Mário José Baptista. Animado tempo teresinense de que é pesquisadora e conhecida a Profª. Teresinha Queiroz, que teve o espírito público de documentar em livro já clássico para os estudos piauienses. Mesmo Mário Baptista dizendo se "nem contra nem a favor", reconhece secundária a questão da nacionalidade - e, o que é mais importante - reconhece, em sua admiração polo-criador de Pachecô, "a genialidade que vem da ironia superior de Éça na observação dos homens e das coisas de seu tempo". Para José de Arimatéa Tito (pal), "Éça de Queiroz sendo um gêrio... é filho de Portugal, do Brasil ou de qualquer país onde a arte soberana tenha o seu culto e a suprema justiça, o seu império".

Já vitoriosa pelo Brasil a campanha pela homenagem ao gênio criador do Padre Amaro (no que pesem as restrições locais e equivocadas de Mário Baptista a esse romance que, aliás, marcou o início do realismo literário na língua portuguesa) e o Piauí não lhe negou o apoio de primeira hora. Nossa "inteligência" ainda, por aquela época, plasmava-se na Faculdade de Direito do Recife e muitos expoentes intelectuais do tempo beberam, ainda, a água viva do pensamento filosófico da velha "escola" de Tobias Barreto, tão de perto marcada pelo anticlericalismo, pelo darwinismo e pelo naturalismo spenceriano. Valores, afinal, de que se não distanciam os postulados do realismo que, na literatura portuguesa, foi tão artisticamente trabalhado por Éça, como - em França - por Flaubert e Zola.

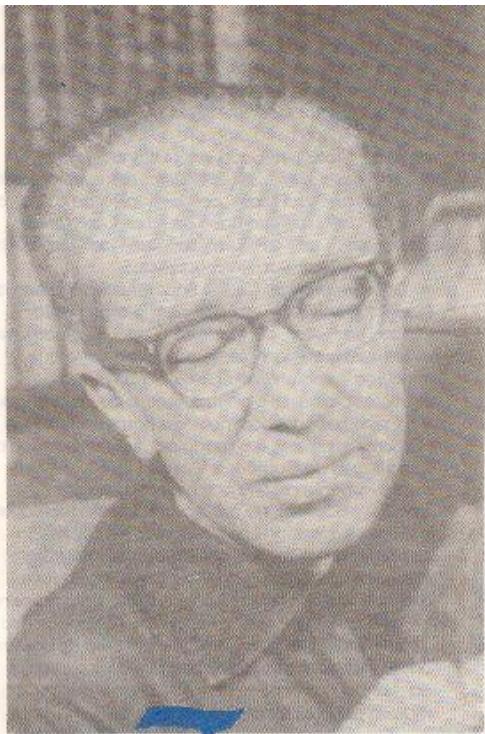
A campanha - comentou em nota da redação, o Diário do Piauhy, de 26 de julho de 1912 - "é um movimento irresistível da alma nacional dominada pela sugestão da arte. Felizmente o Piauhy não lhe ficou indiferente. Haja vista a discussão nobilitante que tem ilustrado nossas colunas". A polêmica jornalística envolveu, como dissemos, expressivos intelectuais piauienses, ficando a comissão central - no Estado - integrada por ninguém menos que Miguel Rosa, Abdias Neves, Gonçalo Cavalcanti e Valdevino Tito de Oliveira. Afinal, como dissera o redator do Diário, o movimento era da alma nacional

e trazia a marca da sensibilidade de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Adelmar Tavares, Duque Estrada, Hermes Fontes. A força da adesão de Maurício de Lacerda, Magalhães de Azevedo, Gilberto Amado, Miguel Melo (primeiro biógrafo de Éça) Felinto de Almeida, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Félix Pachecô (piauiense), Coelho Neto, entre outros tantos que, ao enumerar todos, correr-se-lá ainda o risco de omissão, foram, portanto, à altura dos nomes nacionais, os que o Piauí motivou em torno da idéia vitoriosa de Mathous de Albuquerque.

Do notável artigo de Zito Baptista para o Diário do Piauhy (26.VII.1912), em que contra-argumenta Clodoaldo Freitas, destaque-se a opinião atualíssima, ainda e, sobretudo, hoje, segundo a qual "o que torna Éça inconfundível entre a legião criada de escritores brasileiros e portugueses, o que o distingue e o faz merecedor das melhores homenagens que lhe possam prestar, é o modo porque transformou a velha língua de Carnês e Vieira, quase exclusivamente própria para poemas épicos e sermões fradescos, num claro instrumento maleável e sonoro, rivalizando em plasticidade e opulência..." com os idiomas modernos. Zito Baptista foi, com efeito, pregador da grande idéia em nossa terra, defendendo-se com a força e o brilho de uma pena talhada para o jornalismo literariamente combativo de seu tempo; na província, como no Rio de Janeiro, onde o levaram as vicissitudes da vida e o desafio da grande imprensa. Era em 1912 e, no Piauí, a maioria por Éça, fai de Zito Baptista.

\*Da Academia Piauiense de Letras

*"Éça de Queiroz  
sendo um gênio...  
é filho de  
Portugal, do  
Brasil ou de  
qualquer país  
onde a arte  
soberana tenha o  
seu culto e a  
suprema justiça,  
o seu império".*



**"O seu  
modelo de  
crítica,  
pôde  
revelar  
com  
isenção as  
qualidades  
literárias  
sobretudo  
dos  
autores  
novos."**

**10** resenha

# ÁLVARO LINS

M. Paula Nunes\*

acos valores formais ou estéticos seguido de perto por Araripe Júnior, que adotaria a mesma tendência. O próprio Machado de Assis, não obstante haver sido o mestre do nosso romance, nos legaria estudos reveladores, como o que intitulou "Instituto de Nacionalidade" e a severa apreciação a propósito do aparecimento d'O Primo Basílio, de Eça de Queiroz.

Com o modernismo, esse magistério foi desenvolvido inicialmente por Tristão de Athayde, em seus estudos no rodapé da crítica de O Jornal, abandonando-o após sua conversão ao catolicismo, sendo nesse mister substituído por Mário de Andrade, cuja obra crítica está contida sobretudo em O Empalhador de Passarinho. Distinguir-se-iam ainda, neste gênero, Antônio Cândido, em São Paulo e Wilson Martins, no Paraná.

É com Álvaro Lins, entretanto, ao assumir, no final da década de 30, a convite de Paulo Bittencourt, o rodapé de crítica do Correio da Manhã, que a crítica literária assume, em nosso país, o papel de um verdadeiro magistério em nossas letras.

Forrado de uma cultura literária e humanística das maiores de nossa época e possuindo uma sensibilidade estética das mais raras, foi Álvaro Lins o responsável pelos melhores estudos de interpretação de nossa literatura. Possuía, além disso, uma independência intelectual e uma coragem moral inexcedíveis, qualidades maiores em quem se propôs a tarefa ingente de realizar um julgamento da produção literária nacional.

Lastreado dos autores franceses,

transcorreu a 5 de junho do corrente ano o aniversário da morte de Álvaro Lins, um dos maiores representantes de nossa literatura.

Na história da literatura brasileira que não se tem muito distinguido na crítica literária, algumas figuras de relevo obtiveram papel de destaque, como Silvio Romero, autor de uma grande história na literatura brasileira em que, inspirado na história da cultura, de matiz germânico, deu mais expressão ao gênio da raça, como forma de manifestação literária, e José Veríssimo, de orientação estética, vendo a literatura sobretudo em relação

sobretudo de Sainte-Beuve, o seu modelo de crítica pôde revelar com isenção as qualidades literárias sobretudo dos autores novos, ou seja, daqueles que representavam o chamado romance de 30, como José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Érica Veríssimo e outros mais, bem como da poesia da mesma fase.

Os estudos publicados no rodapé de crítica do Correio da Manhã foram posteriormente reunidos no Jornal de Crítica, em seis volumes ou séries, publicadas pela livraria José Olympio Editora, de 1941 a 1951, com um panorama abrangente de nossa produção literária, posteriormente refundidos e publicados pela Civilização Brasileira, com os títulos de A Glória de César e o Punhal de Brutus (1962), Os Mortos de Sobrecasaca (1963), O Relógio e o Quadrante (1964) e ainda Joral de Crítica - 7ª Série (Edições O Curzelro, 1963).

Iniciou A. L. sua carreira literária, com a publicação, em 1939, da História Literária de Eça de Queiroz (José Olympio Editora) que representa, na vasta bibliografia eclana, um estudo dos mais completos sobre a obra do genial criador d'Os Maias, revelando-lhe os aspectos formais da obra, além de estudar a sua geração, as suas influências, os personagens, a perspectiva dos romances, o "episódio Fradique", as hagiografias, os personagens, o socialista e a vida, em suma, tudo aquilo que constitui a matéria viva e simbólica do inimitável mestre do realismo português.

Seu concurso à cátedra de Literatura do Colégio Pedro II, em que concorreu com outro grande crítico, Afrâncio Coutinho, ensejou-lhe a publicação da obra A Técnica do Romance em Marcel Proust (José Olympio, 1956), um dos melhores e mais originais estudos de interpretação do autor de A La Recherche du Temps Perdue, definitivamente incorporado à bibliografia de Proust.

Como nosso embaixador em Portugal, função que soube engrandecer com a sua independência e o seu desassombro, sobretudo por sua atividade no discurso

asilo do General Humberto Delgado, quando enfrentou o salazarismo em seu momento de maior fastigio, colhe a matéria para o seu livro Missão em Portugal (Civilização Brasileira, 1960), painel impressionista de uma época de grandeza e miséria em nossa vida diplomática.

Publicou ainda uma biografia - Rio Branco (José Olympio, 1945), Notas de um Diário de Crítica - 1º volume (José Olympio, 1943), que deverão ser tomadas no juízo do próprio autor como um complemento à série do Jornal de Crítica, Rotativo Literário do Brasil e de Portugal - Antologia da Língua Portuguesa, em co-autoria com Aurélio Buarque de Holanda (José Olympio, 1956) e Literatura e Vida Literária (Civilização Brasileira, 1966).

Para concluir essa nota breve em relação a uma das mais completas e hoje esquecidas figuras de nossa história literária, diríamos com o crítico e historiador da literatura Antônio Cândido, em artigo de 1943, há pouco reeditado pela Folha de São Paulo, em seu suplemento Maist, no qual é feito o julgamento do seu método crítico, ou seja, da crítica literária como uma aventura da personalidade, em que tanto se distinguiram os críticos da corrente impressionista: "Para ele, o objeto da crítica - declarado no ensaio que abre o livro e reafirmado mais uma vez nos outros - é a determinação, na obra literária, daquilo que é eterno, que transcende as contingências, O Sr. Álvaro Lins está certo ao pensar desse modo. A literatura, como a arte, tem razão de ser na medida em que significa uma fixação de certos elementos que vençam o tempo e se coloquem acima de sua relatividade. Pensando assim, o seu método é consequentemente o de uma penetração de essências, o trabalho crítico se perfazendo com a revelação do núcleo absolutamente significativo de uma obra, a crítica se tornando uma aventura da personalidade, um esforço para inserir-se na mesma ordem de que participa a essência da obra literária".

\* Presidente do Conselho de Cultura e membro da Academia Piauiense de Letras

**N**

asceu a 10.05.40, em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde desenvolve um trabalho excelente de divulgação da boa poesia, inclusive fazendo concursos nacionais sob a égide das Edições de Minas, juntamente com a poeta Ymah Théres.

Marta Gonçalves, além de poeta, é também excelente contista da área infantil já tendo publicado "Luisinho e o Boca-de-Forna" (1984) e "O Piolhinho Mágico" (1990). De poemas, publicou os seguintes livros: "Pássaro da Insônia" (1979), "No Vidro da Aurora" (1982), "Haicais" (1990), "Cavalos Verdes" (1991), "Trigais do Tempo" (1991), "Exercícios de Descoberta" (1992) e "Canto Provisório" (1992). A poesia de Marta Gonçalves é de mel e rosas, tem gosto de vida e paixão, em sons que tangem saudades reprimidas nos sinos distantes. Poesia autêntica.

### **Tarde Sem Tempo**

*Estou me despedindo do mar como se despedisse diante do amado em tarde sem tempo.*

*Olho a maré trazendo fragmentos do corpo.  
O cosmo está na pele, nos objetos da manhã.*

*Estou me despedindo das estrelas onde habitam meus mortos. Voaram com o anjo de marfim.  
Olho os retratos, a infância na túnica de crochê.  
O sabor do sal está nos lábios. Batizou meu nome crucificado de poesia. Fico presa na aurora que dorme o pão.*

*Estou me despedindo do aquário, do peixe azul.  
Dos olhos distantes que espiam ausência.  
Deste cheiro de magnólias da última primavera.*

*Estou me despedindo deste Deus empedernido como se veste um casaco.*

Álvaro Pacheco

*Nada permanece (é)  
para o resto da vida, exceto  
o total da morte.*

Rio, 26 julho 95.

*É tempo e não é mais tempo  
e poderemos não ter tempo  
para os grãos que se acumulam  
inutilmente no celeiro  
pelos quais  
tantas vezes morremos  
as vidas que não tínhamos  
e tantos corpos e almas  
ficaram pelo caminho.*

*Certamente não teremos mais tempo  
para os grãos que se acumularam no  
celeiro.*

8 julho 95.

*Estar velho é assim:  
não se embriagar como antes  
em grandes quantidades  
de êxtases e orgasmos  
e não poder subir nas árvores  
carregadas  
para tirar, escondido,  
as frutas maduras.*

*Estar velho é assim:  
embriagar-se apenas para dormir  
ou fingir que esqueceu.*

## Campeador de Mitos



Jornalista, empresário e político, membro da Academia Piauiense de Letras, Álvaro Pacheco nasceu no Piauí, em 1933, fazendo seus estudos superiores no Rio, onde reside.

Sua poesia se tece de cores e vozes humanas, com aspirações divinas. Mais cores do que vozes, o que fazem dele um poeta lírico e objetivo. Adentrando-se mais, distinguiremos o campeador de mitos, através de um discurso que parece fácil mas não é. O difícil está justamente em ser fluente. Nesse jogo do fácil/difícil é que trabalha o poético e é capaz de grandes feitos no poema curto, e agora, com Balada do Nadador do Infinito (1984), criador de um grande poema épico da nossa modernidade - porque trágico, porque também lírico.

Estreando em 1958, com Os Instantes e os Gestos, é também um poeta dos anos 60, quando começa a libertar-se. No inicio era ainda muito ligado a Drumond, conforme já acentuou a crítica. Mas a crítica sempre foi dúvida com Álvaro Pacheco, ora cheia de elogios, ora com a má vontade dos invejosos. A verdadeira crítica de Pacheco já começa a sair, depois que ele disse adeus à atividade editorial.

Volta a publicar em 1965. Por sua própria editora sai Pastro da Solidão e, em seguida, Margem Rio Mundo, 1966; O Sonho dos Cavalos Selvagens, 1967; A Força Humana, 1970; A Matéria do Sonho, 1971; Tempo Integral, 1973; Homem de Pedra, 1975; Itinerários, 1984, e A Geometria dos Ventos, 1992, este já pela Editora Record, Rio de Janeiro.

## Our Town

Hans Christian Andersen

Para H. Dobal

*A rua mantém a placa da esquina  
na parede refeita e despida das lembranças-  
está deserta à noite  
como suas outras companheiras paralelas:  
já estiveram antes desertas,  
mas em outras horas de gente viva  
que boje está morta, gente  
que se balançava em cadeiras nas calçadas  
no início da madrugada,  
esperando a brisa que vinha do rio*

*A rua, como era,  
horizontalizava o coração da cidade  
até à beira do rio onde,  
se desenbavam meninos  
que jamais iriam crescer - e descia na praça  
à procura das moças que também não cresceriam,  
como aconteceu com a cidade. A rua  
era como o sino da missa  
e a música escondida nas janelas,  
a mágica do circo e o cochilo dos velhos  
em suas esquinas, segurando as placas  
para que elas não mudassem.*

*A rua tinha suas pedras  
irregularmente alinhadas  
sem qualquer modernidade, lírica  
desafiando o trópego tráfego de um tempo  
que custava a passar  
entre a sesta e a sopa. Era estreita  
mas bastava para seus transeuntes  
que negociavam, porque tinham tempo,  
com o entardecer e o dia nascendo  
num mesmo período de solidão  
e esperança.*

*A rua  
não esperava o que aconteceu:  
o desaparecimento de suas árvores  
a verticalização dos horizontes,  
as pontes de concreto, e, sobretudo,  
os novos edifícios  
que substituíram suas memórias  
e a todos os habitantes fiéis deixaram órfãos  
dela e de outras ruas  
que se tornaram grandes demais  
e abandonaram a cidade.*

*A rua  
está boje procurando sua infância  
em pequenas e antigas  
cidades estrangeiras*

Rio, 9 julho 95.

*Balada aos  
Heróis da Batalha  
de Jenipapo*

*Carlos Nejar*

**Épico Moderno**

*Os mortos em Jenipapo,  
Campo Maior, já repousam  
plácidos junto ao relvado  
de um dia pleno, saciado.  
A história que foi vivida  
alma adentro: seus temores  
vencidos, amores findos.  
com eles jaz. A batalha  
e seu fragor, sua mortalha  
o ar resguarda, suas vozes  
no descampado ainda vagam.  
O canto da terra neles  
e a dor ficou sob o céu,  
com lençóis alvos, bordados  
de pedra e ervas. O véu  
da morte num sorvo apagam,  
coesos, que a morte tomba,  
assim que na onda os prende.  
Ou morre a morte na lava  
da primavera que come  
folhas, sombras. E mais nada  
que o nada encobre. Por eles  
nenhuma paixão ou sede  
em chão desarmado chora.  
E à vezes, revoam, aves  
enquanto as flores se abrem  
pelos seus ossos de aurora.*

**C**arlos Nejar, gaúcho de Porto Alegre, nascido em 1939, é claro representante da geração dos anos 60. Tendo estreado com Sélesis, em 1960, em Porto Alegre, pela Livraria Globo, segue sua linha original de criatividade, através de mais de uma dezena de livros, entre os quais se destacam *O Campeador* e *o Vento*, 1966; *Danações*, 1969; *Ordenações I, II, III, IV e V*, 1971; *Canga* (Jesualdo Monte), 1971; *O Poço do Calabouço*, 1974; De Sélesis a Danações, 1978; e *Aquém da Infância*, 1995.

Além de sua evidente diferença e superioridade, se comparado com outros poetas de sua geração - nem aparentando com os da geração de 45, nem aproximando dos tropicalistas e concretistas - Nejar se caracteriza por uma nova vertente épica. Com bastante êxito, seu antilirismo e a prática do descentramento do sujeito poético do "eu" para o "nós", já a indicavam. Em *Árvore do Mundo* faz a grande poesia, concentrada no objeto e nas ações humanas, sem preocupação se o ritmo utilizado é o popular ou outro inovador. Renovadores são sua mensagem unificadora, mítica, metafórica, e o descentramento poético.

Pertencente à Academia Brasileira de Letras. Recentemente esteve no Piauí, quando visitou o "Monumento aos Heróis do Jenipapo", em Campo Maior, de cuja visita saiu-lhe a inspiração e o poema que ora publicamos.

Campo Maior, Piauí, 7.5.1995.

**P**resença

# Um Auto - Retrato

Graça Targino

**H**oje amanheci triste. Estou triste. E descubro - sou triste e irremediavelmente só. A solidão dos que ultrapassam as barreiras da mediocridade e questionam a vida, os amores, os desamores, o cotidiano dos miseráveis, o otimismo dos vencedores. Esta tristeza infinda contrasta com minha vontade imensa de seguir vivendo, de prosseguir acreditando no ser humano, na vida, no amor, no riso solto, na imensa gratidão aos poucos mas verdadeiros amigos, na benevolência pelos que erram, no ânimo para consolar os que sofrem, na arte de representar a alegria...

Por tudo isto, por uma aparência de trivolidade, de hippie ultrapassada, os muitos desavisados julgam-me, condenam-me e quem sabe, apedrejam-me: mulher "cabeça", liberada, avançada (até demais). "Pra-frente", casada e, quiçá, amoral, imoral ou promiscua - por que não? Mas há outras supreendentes formas de julgamento - "mulher-maravilha", autoritária, egocêntrica, egoísta, auto-suficiente, pernástica, inflexível ante a vida e os outros, radical, aficionada pelo trabalho, etc.

Mas olha-me no espelho d'alma e surpreenda-me: quem é essa que me olha e é tão só, tão triste sem amorgor? Quem é essa menina assustada diante da vida? Quem é essa menina que transborda alegria sem ter alegria? Quem é essa menina que faz ir quando quer chorar? Quem é essa menina que busca colo?

QUEM É ESSA MENINA? QUEM É ESSA MULHER? Mulher perdida dentre suas próprias barreiras...

Respondam-me, por favor. Este é um grito de socorro! Um grito recorrente a uma infância sem carências materiais, mas sem nenhum amor,

Adolescência sofrida. Rejeição e rejeições. E a dolorosa consciência de não ser, para ninguém, em circunstância alguma, o número um.

Casamento. Sonhos. Filhos. E solidão mais profunda. De repente. Em meio ao inesperado, o primeiro amor. Amor tardio (?). Será que há amores prematuros, tardios? Porque categorizá-los? Não há cartas de alforria para coisas do coração. Mas, de qualquer forma, amor proibido. Amor socialmente condenável. Amor execrável. E imensa desilusão. Desenganos. Tentativas de fuga em busca do sonho perdido. Novas esperanças. E muitas dores acumuladas, jogadas no bau da vida vivida, camufladas entre cortes de cetim não usados e esquecidos em meio a traças.

Maternidade. Casamento. Filhos. Netos. E a interminável agonia em busca de carinha, afago, ternura. A descoberta inesperada: a menina frágil está ali, de olhos no futuro, vulnerável a migalhas de atenção. Sapecá. Sorradeira. Profunda. Lutando ainda por ser a primeira no coração de alguém, lutando por resgatar toda uma vida, com tributos de um amor inteiro, total, sem barreiras, sem fronteiras. Só querer bem. Nada mais do que querer bem.

Parafraseando alguém que disse - Deus, se tu existes, por que permutes tanto? -, eu acrescentaria: por que não me concedes a acomodação dos mediocres, a calmaria dos casamentos aparentes, a preconizada sensatez da meia idade, a quietude dos que já viveram demais? Por que fazes aflorar, em

situações inesperadas, aquela agora, neste deserto de solidão, esta menina inquieta, ávida de viver mil vidas, de ganhar mil flores, de saborear mil sorvetes ao lado do amado, de fazer mil vezes amor como fora a primeira? Por que, Deus, me presenteias à esta altura da vida com tantos sonhos? Que farei com tantas esperanças? E esses devaneios? E essas longas esperas? Porque não a calmaria? Por que não a paz dos avós?

Já sei, tal como a Dolores - ficção de Adélia Prado, descobri que a ciência não me deu consolo, o estudo não me trouxe amor, paz ou você e prosigo a buscar alguém que me aprisione, de forma irremediável em seu coração, e me marque com o estigma de mulher amada. E muito bem amada...

Brasília, 21/09/94



# ACÕES DO IPHAN NO PIAUÍ

Dina Figueiredo\*

A representação local do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a 1<sup>a</sup> Sub-Regional II, que integra a 3<sup>a</sup> Coordenação Regional do órgão, sediada em São Luís do Maranhão, vem desenvolvendo um trabalho de cooperação técnica junto ao Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural da Fundação Cultural do Estado, desde 1991. Isto permitiu aos dois órgãos responsáveis pelo patrimônio histórico do Piauí, em suas respectivas esferas administrativas, suprir em parte as deficiências documentais de seus reduzidos quadros de especialistas e desenvolver ações conjuntas voltadas para a identificação, proteção, conservação e promoção deste patrimônio.

Os resultados deste acordo são os registros e cadastro dos bens culturais, diversos tombamentos efetuados a partir de processos instruídos e encaminhados ao Conselho Estadual de Cultura, projetos técnicos-executivos de restauração e conservação e vários outros destinados à captação de recursos junto a organismos financeiros, execução de obras

de restauro e conservação e iniciativa de caráter promocional e de divulgação através de exposições, palestras, entrevistas, artigos etc. Os entraves e descontinuidades, em consequência da falta de recursos e do desaparecimento técnico, não retiraram destes projetos o mérito de defender a manutenção dos bens culturais do Piauí e, por consequência, o interesse público.

Em sua programação para 1995 a representação local do IPHAN conseguiu aprovar diversos projetos de preservação do patrimônio cultural, contemplando bens protegidos por leis federais: três projetos na área do patrimônio arqueológico, protegido pela Lei Federal no. 3.924, de 26 de julho de 1961, e a minuciosa restauração dos retábulos e forro da Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitoria, em Oeiras, tombada pela União.

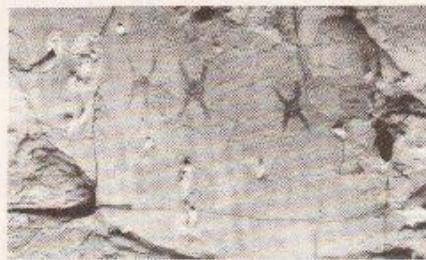
Viabilizados por termos de cooperação técnica com a Fundação Universidade Federal do Piauí e convênio com a Fundação Museu do Homem Americano, os projetos relativos ao patrimônio arqueológico foram buscar nestas instituições os profissionais especializados, como forma de garantir o alcance dos seus objetivos e bons resultados. A intervenção nos retábulos e forro de Oeiras está a cargo da Restauro, empresa especializada na restauração de elementos artísticos integrados, sediada em Salvador, contratada pela 3<sup>a</sup> Coordenação Regional, mediante processo de licitação.



Estado do Piauí destaca-se dos demais Estados Brasileiros pela riqueza e concentração de manifestações de cultura pré-históricas, principalmente pela quantidade de grafismos presentes nos sítios arqueológicos, onde se destacam as composições que retratam cenas do cotidiano.

A ação de cadastro e mapeamento do patrimônio arqueológico do Piauí foi iniciada em 1986 pelo Núcleo de Antropologia Pré-histórica da Universidade Federal do Piauí, através de convênio com o IPHAN e posterior financiamento da FINEP quando foram inventariados 90 sítios, localizados em nove municípios.

A continuidade desse trabalho, retomado em 1995 de forma sistemática e com recursos



*Arte Rupestre de Sete Cidades*

Muitos sítios arqueológicos do Parque Nacional de Sete Cidades, o mais antigo do Estado, não possuem o mínimo de infra-estrutura para a sua proteção durante as visitas do público, estando as pinturas rupestres sujeitas ao contato direto dos turistas e os soios ao pisoteamento, o que já ocasionou inclusive a depredação de algumas pinturas, através do grafismo.

Além do homem, inúmeros são os agentes depreendentes de origem natural que afetam, principalmente, as pinturas rupestres, destacando-se a proliferação dos insetos edificadores, microorganismos e sais que cobrem as obras paralelos.

Baseado no levantamento das condições de conservação desse sítios, realizado pelo Núcleo de Antropologia Pré-histórica da Universidade Federal do Piauí, o projeto pretende efetuar a limpeza dos locais de maior visitação, onde ocorrem pinturas rupestres e elaborar projetos de agenciamento de proteção das áreas mais próximas, a fim de torná-las mais acessíveis e protegidos.

A retirada dos diferentes depósitos de

**12** resenha

## Cadastramento e Mapeamento dos Sítios Arqueológicos do Piauí

tecnológicos de instrumentos mais modernos, que possibilitam a localização precisa dos sítios arqueológicos, possui especial importância por ser o primeiro passo para o conhecimento e o estudo das evidências e para a observação dos diversos fatores que contribuem para a sua má conservação ou destruição, principalmente das pinturas rupestres.

O cadastro é, portanto, fundamental à preservação dos sítios, ao levantar informações que possibilitem a adoção de medidas para sua conservação.

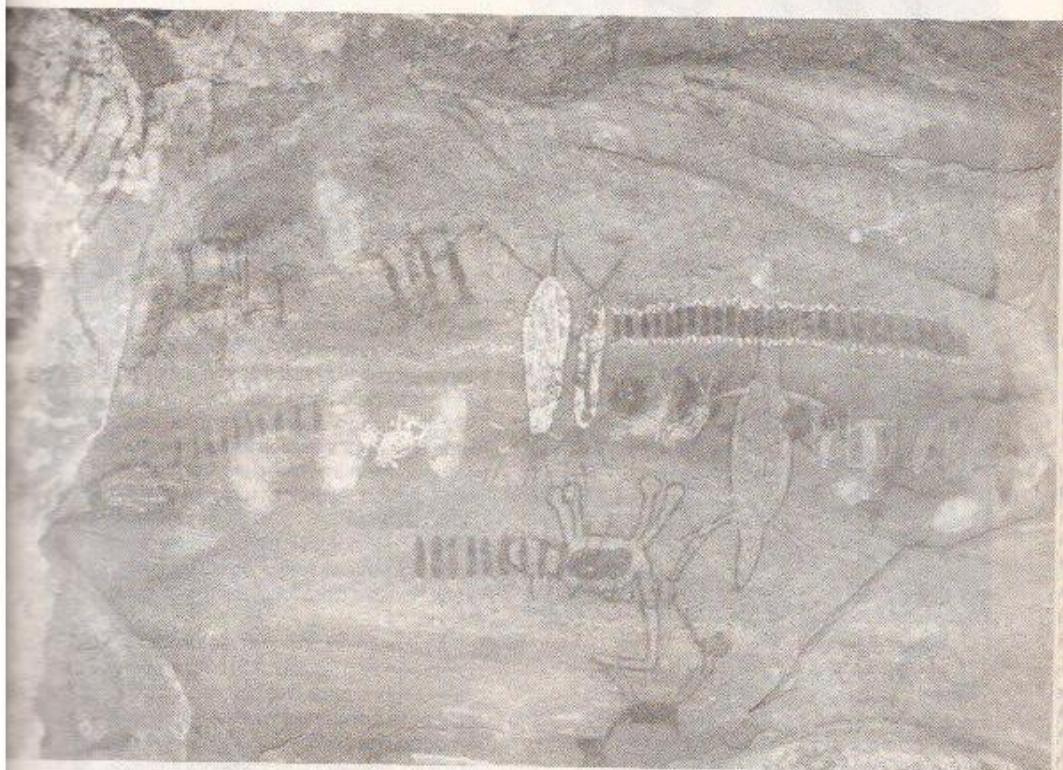
## Intervenção de Conservação nos Sítios de Arte Rupestre de Sete Cidades

alteração dos paredões com inscrições, de origem animal (casa de vespas, galerias de cupins, dejetos de macacos), vegetal (raízes, galhos de árvores etc), mineral (diferentes espécies de salitre) e antropológicas (grafismo, fumaça, escoriações) está sendo executada sob a supervisão técnica das especialistas da UFPI: a arqueoquímica Maria Conceição Soares Meneses Lage e a arqueóloga Sônia Maria Campelo. O delicado trabalho é executado por via mecânica, utilizando-se instrumentos cirúrgicos e, excepcionalmente, por via química, com a utilização de solventes diluídos e testados em laboratório, evitando-se, desta forma, danos à superfície das rochas ou às pinturas.

Além da limpeza, em execução, foi elaborado pela Interarq - Ricardo Dias Interiores e Arquitetura, o projeto para Implantação de passarelas ao longo dos paredões com pinturas, que permitirão a segura aproximação dos visitantes e para colocação de placas indicativas e educativas em pontos estratégicos do roteiro de visitas.

A obra de agenciamento está prevista para 1996.

*Diagnóstico de Conservação dos  
Sítios Arqueológicos do Entorno do  
Parque Nacional Serra da Capivara*



*Arte Rupestre do Parque Nacional da Serra da Capivara*

**P**rojeto a ser desenvolvido nos meses de novembro e dezembro de 1995 pela FUMDHAM, com recursos do Tesouro, repassados pelo IPHAN por meio de convênio, visa a elaborar o diagnóstico de conservação dos sítios arqueológicos com ocorrência de pinturas e gravuras pré-históricas da vizinhança do Parque Nacional Serra da Capivara. Os inúmeros sítios existentes nessa área são constantemente ameaçados de destruição pela exploração sistemática do calcário presente nos diversos afloramentos ali existentes, além das depredações perpetradas por visitantes que os frequentam sem nenhum

controle.

Por estarem localizados fora da área do Parque, não se beneficiam das ações de controle e proteção próprias das unidades de conservação administradas pelo IBAMA. Mas como são protegidas pela Lei Federal que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, integrando o patrimônio cultural brasileiro, sob competência do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, pretende-se com o desenvolvimento do projeto levantar as condições de cada sítio e estabelecer as ações a serem adotadas para garantir sua preservação.

## Restauração dos Retábulos e Forros da Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória de Oeiras



**D**e acordo com a pesquisa histórica realizada pela Restauro, empresa contratada para execução da intervenção restauradora, que buscou referência inclusiva em A Talha de Retábulos no Piauí, do historiador oeirense Dagoberto Carvalho Júnior, os atuais retábulos da Igreja Matriz sugerem obras do final do século XVIII ou início do XIX, apresentando composição e ornamentação características da fase final do estilo rococó, mais sóbria e simétrica, com a introdução de elementos decorativos, filamentos do altar-mor, num toque de neoclasicismo.

A composição em "caixotões" evidencia que os forros da capela-mor e das capelas do transepto, por sua vez, poderiam ser obras tanto do inicio da construção da Igreja, em 1733, quanto de qualquer período anterior ao inicio do século XIX.

Em foto de 1940 aparecem ornamentos nos cantos dos painéis do forro da capela-mor, cujo estilo foi impossível identificar. No entanto, segundo depoimentos de membros da comunidade local, que vêm sendo

confirmados pelas prospecções, a madeira dos forros foi toda substituída durante a intervenção realizada na Igreja em 1981, perdendo-se então os vestígios da pintura original.

Também em 1981 foi aplicado sobre todos os elementos artísticos integrados do templo, confeccionados em madeira, uma pintura em fortes tons de azul, que descaracterizou seu estilo e modificou o ambiente interno, quebrando a harmonia entre os elementos de pedra e os de madeira.

O IPHAN, através da sua representação local e regional, resolveu dar continuidade à intervenção descupulizadora e estrutural promovida pela Fundação Cultural do Piauí em 1992, realizando agora a complementação do restauro de todos os elementos integrados do interior do monumento, devolvendo-lhe as características estilísticas remanescentes e a harmonia.

A fim de facilitar a alocação de recursos e o funcionamento litúrgico, simultâneo à intervenção, a obra foi dividida em duas etapas.

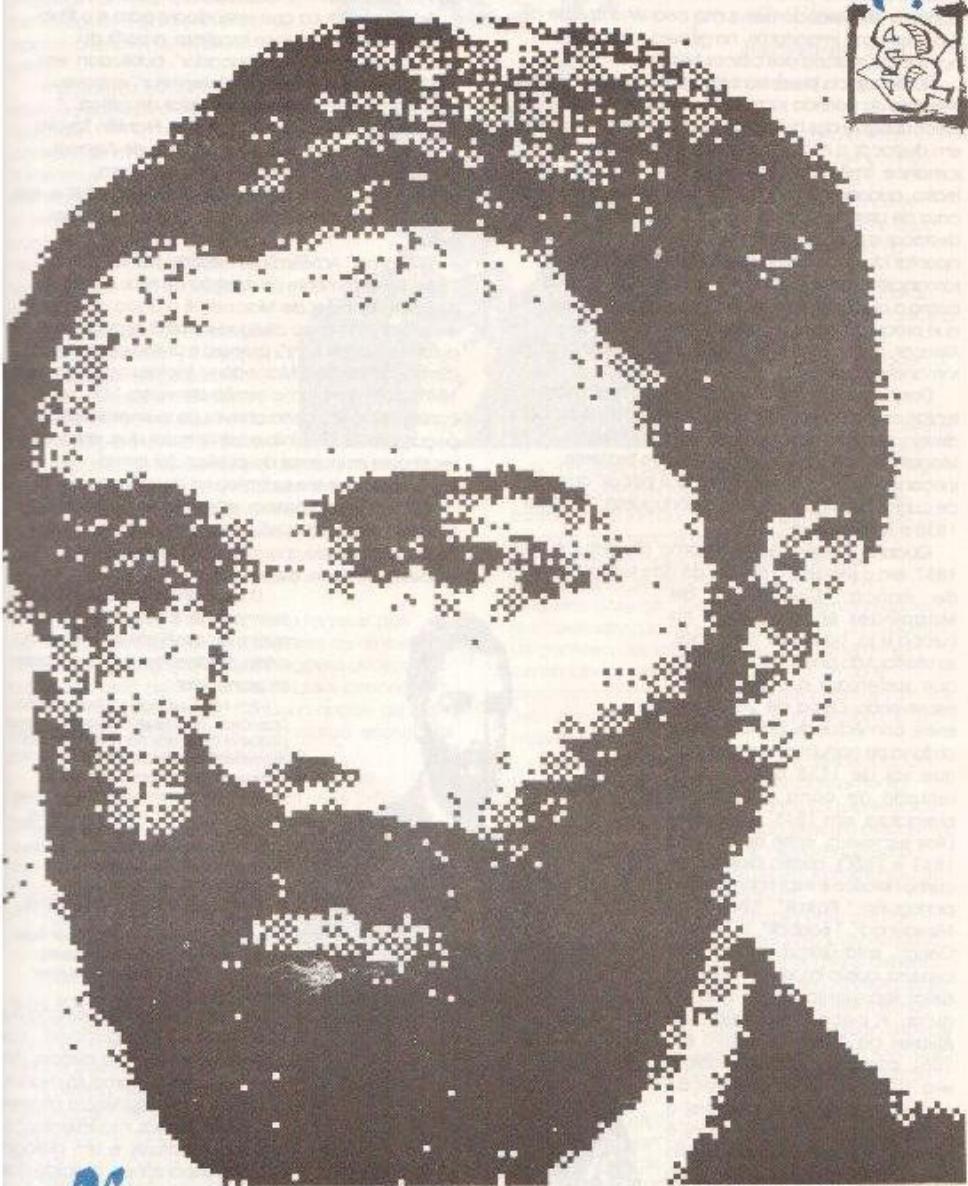
A primeira, iniciada em setembro de 1995, compreende o retábulo do altar-mor, forro da capela-mor e retábulos do arco-cruzeiro, cujos serviços se concentram atualmente na remoção das camadas superpostas de re pintura, efetuada de forma mecânica, com bisturis cirúrgicos e espátulas odontológicas. Após o serviço de decapagem, serão obturadas as lacunas eventualmente existentes e iniciada a reintegração cromática. A conclusão desta primeira etapa está prevista para janeiro de 1996.

A segunda etapa deverá ser desenvolvida durante o ano de 1996, devendo sua programação e orçamento serem ainda submetidas à aprovação dos setores competentes do IPHAN. A proposta elaborada pela representação local e regional contempla os retábulos das capelas do transepto, forro do transepto, púlpito, retábulo da sacristia, forro da nave e forro do átrio.

\*Arquiteta e Diretora da 1<sup>a</sup> Sub-Region II do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

# JOSÉ DE ALENCAR e o Teatro Romântico

Maria Gomes Figueiredo dos Reis\*



*Não será possível fazer rir, sem fazer corar?*

"Não será possível fazer rir,  
sem fazer chorar?"

**N**a tentativa de estudar o conhecidíssimo romancista sob um dos aspectos menos explorados de sua obra literária, procuraremos fazer uma síntese do que foi o teatro romântico brasileiro, situando o escritor cearense entre os dramaturgos da época e demorando-nos numa pequena análise de sua obra mais importante, no gênero, segundo a opinião da maioria dos críticos brasileiros.

Numa rápida pesquisa bibliográfica sobre a nossa literatura do período romântico, percebe-se a preocupação dos historiadores da literatura brasileira em destacar a importância da poesia e do romance, limitando-se a ligeiras informações sobre o teatro, quando não o ignoram totalmente, como é o caso de grande parte dos nossos críticos. Vale destacar a posição extremista de Silvio Ramero em apontar Macedo como melhor teatrólogo que romancista, ele que ficou na nossa história literária como o autor da "Moreninha", ao mesmo tempo em que procura ignorar a importância da obra de Alencar, quer como teatrólogo, quer como o grande romancista que foi.

Dos nossos românticos, quase todos realizaram tentativas no campo do teatro, talvez motivados pelo desejo, primeiro nascido com Gonçalves de Magalhães, de fazer renascer o teatro brasileiro, lançando-se em campo com duas peças, ambas de cunho histórico e influência portuguesa; "Oligato", 1838 e Antônio José", 1839.

Quando Alencar entrou como dramaturgo, em 1857, era o seguinte o quadro da vida teatral brasileira de época: Gonçalves de Magalhães encontrava-se na Europa e já, há quase vinte anos, se afastara do palco. Martins Pena, que sustentaria o nosso teatro, escrevendo cerca de 26 peças, entre, comédias de gosto popular ou farsa de costumes, num espaço que vai de 1838 a 1847, fora retirado de cena pela morte prematura, em 1848. Gonçalves Dias escrevera, entre os anos de 1843 e 1850, quatro dramas de cunho histórico e inspirado no teatro português: "Patkull", "Leonor de Mendonça", "Boabdil", e "Beatriz Cenci", esta última vetada pela censura, como imoral e, nenhuma delas representada em vida do autor. A peça "Macário", de Álvares de Azevedo, escrita em 1851, como o próprio autor afirma era "apenas uma inspiração confusa, rápida, que realizarei à pressa como um pintor febril e tímido". A morte nos robou muito cedo um excelente poeta e, quem sabe, um possível dramaturgo, fazendo o mesmo com Casimiro

de Abreu que viria representado e aplaudida no teatro de Lisboa, em 1856, sua peça versada na vida do maior poeta de Portugal "Camões e o Jau". De Castro Alves o drama "Gonzaga ou Revolução de Minas", datado de 1875, não mereceu da crítica senão censuras.

Vejamos agora o quadro em relação, não mais aos que se afirmaram como poetas, mas àqueles que se dedicaram à narrativa de ficção, o romance.

Teixeira e Sousa que reivindicava para si o título de iniciador do romance brasileiro, a partir do prefácio de "O Filho do Pescador", publicado em 1843, um ano antes de a "Moreninha", escreveu duas peças totalmente esquecidas da crítica: "Cornélia" e "O Cavaleiro Teatônio". Franklin Távora que sempre disputou o lugar ao lado de Alencar como romancista, também tentou o teatro, escrevendo, em 1861 "Um Mistério de Família" e, em 1870, "Três Lágrimas" que não lograram o menor êxito.

O Drama "Amélia Smith" escrita por Taunay em 1887, ficou somente na relação de suas obras. Joaquim Manoel de Macedo é o único que se encontra em franca atividade teatral quando, já autor de "O Guarani", procura o público como nova afirmação literária. Macedo se iniciara no teatro, em 1849, com um drama escrito em verso, "O Cego", continuando em cena através de inúmeras outras peças, até 1877. É interessante notar que, embora recebesse as palmas do público, foi como romancista que ele se firmou na literatura nacional.

Antônio Soares Amora, referindo-se ao teatro de Macedo, faz notar a influência exercida por Martins Pena, observando que, na época, "esse gosto estava totalmente superado".

Um movimento de renovação se impunha. É o próprio Alencar quem faz sentir isto quando em carta a Francisco Otaviano assim se pronuncia:

"Em 1852, estando no Teatro Ginásio Dramático, aconteceu-me assisti a uma pequena farra, que não prima pela moralidade e pelo decência da linguagem; enfretanto o público aplaudiu e as senhoras riem-se, porque o riso é curtago; porque há certas ocasiões em que elas vêm nas fabulas, embora o espírito e o pudor se revoltiem contra a causa que o provocam.

Este reparo causou-me um desgosto, como lhe deve ter causado muitas vezes, vendido uma senhora anônima nos nossos teatros, por cair um grupo livre e um ato grosseiro; disse cortiça: não será possível fazer, sem chorar?"

Alencar define sua posição de renovador, introduzindo na comédia nacional o decoro de que se ressentia e procura manter o interesse da assistência através do joga de cenas, movimentação natural dos atores e um diálogo simples, espontâneo, nascido das excelentes qualidades do seu estilo, nunca postas em dúvida.



Em outubro de 1857 estreia Alencar, anonimamente, com uma comédia em dois atos a que dá o nome de "Rio de Janeiro", mas que fica conhecida com o título de "Verso e Reverso" recebe os aplausos da platéia e os elogios da crítica, principalmente de Machado de Assis, considerado o mais seguro e consciente da época, que afirma, referindo-se à peça:

"A comédia há de merecer a atenção dos expectadores, ainda quando despareçam completamente da sociedade fluminense os elementos postos em jogo pelo autor; e isso graças a três coisas: Ao pensamento capital da peça, ao desenho feliz de alguns caracteres, e as excelentes qualidades do diálogo".

Um mês após a encenação de "Verso e Reverso", é levada ao palco a segunda peça de Alencar, "Demônio Familiar", considerada como sua melhor produção para o teatro. Outra vez Machado de Assis saúda o autor, tecendo serias considerações sobre as qualidades do seu teatro, afirmando-o como uma "excelente comédia" e o autor como um "talento brilhante". Também sobre a peça, assim pronunciou Antônio Soárez Amorim: "é uma das melhores do nosso teatro romântico de comedias".

E precisamente com "Demônio Familiar" que Alencar atinge todos os seus objetivos de renovação do teatro nacional, pelas suas inegáveis qualidades artísticas e pela autenticidade dos seus personagens.

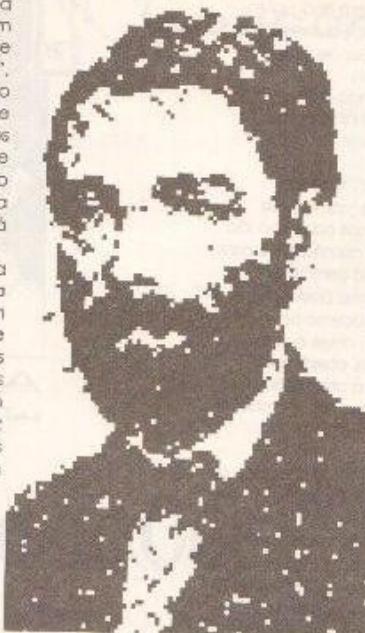
Vejamos agora aquela pequena análise da sua obra mais importante como dramaturgo, anunciada por nós, no começo deste trabalho.

O enredo da comédia é simples mas se emaranha numa rede bem tecida pelas intriga toradas por Pedro, o "Demônio Familiar".

Eduardo, médico, recém-formado, vê-se, com a morte do pai, responsável pela situação da família e procura dar à mãe e aos irmãos, Carlotinha e Jorge, uma vida digna, preocupando-se mais com o destino da irmã e do menino Jorge que consigo mesmo.

Enamora-se de Henrique, sua vizinha, e que o ama em segredo confessando somente a Carlotinha, mas que, por imposição do pai, está noiva de Azevedo, de quem o velho Vasconcelos é grande devedor.

Azevedo, rapaz rico, educado na Europa, é a personagem negativa da comédia. Não um vilão propriamente, mas um caráter fraco, trivial que resolve casar com uma mulher bonita, conforme confessa a seu amigo Eduardo, apenas por duas conveniências: A primeira, ser "o apresentador dos apaixonados de sua mulher" e a segunda, para



*"José de Alencar provou, suficientemente, que não lhe faltavam possibilidades para escrever um excelente teatro"*

ingressar na carreira política, pois para tal é preciso que ele seja casado; "Uma mulher é indispensável, e uma mulher bonita... é a meio pelo qual um homem se distingue no 'grand mond'..."

Alfredo, amigo de Eduardo, ama Carlotinha e, após participar do arrigo suas intenções matrimoniais, passa a frequentar-lhe a casa, mas logo se desengaça do amor de Carlotinha que, embora confessasse ao irmão seu amor por Alfredo,

este a imagina enamorada de Azevedo. A personagem central da comédia é Pedro, escravo de Eduardo, uma espécie de moleque de recados que, graças ao tratamento que lhe dispensam em casa, usa e abusa de suas liberdades. Com astúcia, agudeza e uma pequena dose de "malícia", mas sem maldades premeditadas, apenas sonhando com uma posição de cocheiro, aspiração que está perfeitamente condicionada a sua situação social, ama e desarma toda a trama da comédia, num leva e traz feito sempre às avessas, causando transtornos, os mais desencontrados.

É uma personagem muito bem delineada, um caráter único, do começo ao fim da comédia, astuto, mas ingênuo, mesmo após ser repreendido pelos mal-entendidos causados, procura desfazê-los, usando dos mesmos artifícios, desfazendo uma intriga através de outra, sem a total consciência do bem ou mal que está praticando.

A teia de intrigas surge naturalmente sem a premeditação de Pedro. Primeiro ele joga Azevedo contra Vasconcelos, fazendo-o crer que o pretendente só está interessado apenas no seu dinheiro, para pagar as dívidas. Vai além, afirmando ser falsa a beleza de Henrique, disfarçada com toda espécie de recurso feminino e chamando-lhe a atenção para a beleza de sua patroa, Carlotinha que suspira de amor por ele.

No final todos os mal-entendidos são desfaltas, salvos pela diplomacia, responsabilidade e bom senso de Eduardo que conduz o fio da meado desembocando o novelo enladrado por Pedro.

Azevedo desfaz o casamento com Henrique, que fica livre para casar-se com Eduardo. Alfredo

a conduta correta de Carlota quem fica novo.  
Coroando a peça, na cena final, Eduardo dá a Pedro sua carta de alforria, que deixa de ser um prêmio para ser um castigo pelo seu comportamento bisbilhoteiro, fazendo-o livre para enfrentar a vida, a sociedade, o mundo com suas mazelas e, principalmente, para livrar-se de sua presença indiscreta.

Eis o que é o "Demônio Familiar". O teatro alencarino é enriquecido cada dia, com novas comédias e dramas que são levados ao palco tão logo são escritas. Vale destacar a comédia "As asas de um anjo" que tem como enredo central a reabilitação da mulher perdida, tema posteriormente tratado por Alencar com enorme sucesso no romance "Lucília", a peça "Mãe", onde o autor focaliza o problema da escravidão, objetivando "fazer chorar sem fazer arrepio". E o drama da mãe cativa do próprio filho, que guarda o seu segredo, preferindo morrer, (suicida-se) a ver o filho prejudicado pela sua origem.

Ainda quatro peças de Alencar foram levadas ao palco, com sucessos: "O Crédito", "A Expiação", "O Jesuíta" e "O que é o casamento?". Delas apenas o drama "O Jesuíta" reporta-se à nossa história. O tema trazido à cena é o episódio da expulsão dos Jesuítas do Brasil, durante o governo português de D. José I, que tem como Ministro e Conselheiro o Marquês de Pombal. Nas demais peças, Alencar procura sempre a análise do comportamento da família brasileira no seio da sociedade do seu tempo.

Permitimo-nos concluir o nosso trabalho com esta afirmativa de Soares Amorim:

"José de Alencar provou, suficientemente, que não me faltavam probabilidades para escrever um autorretrato feito".

\* Profº do Departamento de Letras da UFPI

#### BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, José de - *Peça Completa e Outros Escritos* - Vol. II - In Biblioteca Luso-Brasileira - Série Brasileira - Companhia Aguilar, Editora Rio de Janeiro - 1968.
- ALENCAR, José de - *Peça Completa e Outros Escritos* - Vol. IV - In Biblioteca Luso-Brasileira - Série Brasileira - Companhia Aguilar, Editora Rio de Janeiro - 1963.
- AMORA, Antônio Soares - *A Literatura Brasileira* - Vol. I - O Romantismo - In Rotina das Grandes Literaturas - Ed. Cutrix - São Paulo 1967.
- ASSIS, Machado de - Crítica, Teatro - In *Obras Completas de Machado de Assis* - Vol. XXX - Gráfica Editora Brasileira Ltda - São Paulo 1959.
- CÂNDIDO, Antônio - *Formação da Literatura Brasileira* - (Memórias - desdobradas) Vol. II - Editora Martins - 3ª edição - São Paulo - 1969.
- COJINHO, Atílio - direção de - *A Literatura no Brasil* - Vol. I - Editorial Sul Americana S/A - 2ª edição - Rio de Janeiro - 1969.
- COJINHO, Atílio - direção de - *A Literatura no Brasil* - Vol. V - Editorial Sul Americana S/A - 2ª edição - Rio de Janeiro - 1971.
- MENEZES, Ramundo de - *Dicionário Literário Brasileiro* - Vol. I - Ed. Saraiva - São Paulo - 1969.
- MENEZES, Ramundo de - *José de Alencar - Literato e Político* - Ed. Livros Técnicos e Científicos S/A - 2ª edição - Rio de Janeiro - 1977.
- ROMERO, Silvo - *História da Literatura Brasileira* - Vol. V - Ed. José Olympo - 6ª edição - Rio de Janeiro - 1960.



## Concursos



POESIA  
Lucídio Freitas



POESIA

# Um Pouco de Ode

*Eia eia eia*

*Poeta*

*e*

*s*

*s*

*o*

*na pessoa de Álvaro,*

*é preciso ir rápido.*

*Nem perguntam o nosso nome.*

*Eia eia*

*eia celular*

*eia grilos eletrônicos*

*relógios, luzes*

*eia dor-de-cabeça que não*

*quer passar.*

*Apressado anda o cidadão na supercosmopolita.*

*Ela eia-beija-se assim.*

*Alteia eia*

*o som da televisão.*

*Só os poemas continuam eia eia eia.*

*Não se fala mais eia eia.*

*Isso foi há muito tempo*

*no nosso tempo*

*não existe mais tempo.*

*Eia eia nervos computadorizados*

*coração frio.*

Francisco Machado da Fonseca Júnior  
1º lugar

resenha



POESIA  
Lucídia Freitas



POESIA  
Lucídia Freitas

# Poesia de Neon

*Agora que o sol nasce por entre os edifícios;  
Picos é uma lembrança: Paisagem eterna dos meus olhos.  
Meus olhos já não vislumbram mais a serra-do-pau-d'arco,  
nem o Morro-Quebra-Pescoço, nem as torres da Matriz.  
Por isso este meu olhar de passarinho acanhado.*

*Menino andando a esmo no meio da multidão.*

*Com olhos de espanto e medo  
encharco as retinas com a beleza da menina projetada.  
Vou passeando sobre a poesia de Oscar:  
Entre versos de concreto e ferro  
Entre homens de cimento e dor.*

*A vida passa correndo nas calçadas e no asfalto.  
O farol. Os automóveis. A arena diária.  
A luz vermelha domando os cavalos-motores.  
Os homens na faixa. Os homens no carro. A vida...  
A vida não vale nada. Um descuido. Uma encruzilhada.  
Um passo a mais ou a menos...mais uma retina fechada.*

*Vida, novas fora nada.*

*A larga solidão das avenidas.  
O largo passo em asas de avião.  
Os ônibus abarrotados de pernas e mãos.  
Os pneus cantando a cantiga rude:  
A vida é dura pra quem tem o pé no chão.*

*"O meu Deus sabe da luta de um ponto de ônibus" \**

*Os caminhos se cruzando aonde o destino quer.  
Os automóveis voando querendo avançar o tempo.  
As pessoas se entrelaçando no vai-e-vem do crochê.  
Os relógios cronometrando a distância e o tempo.  
E um poema em desespero amarrado na garganta.*

*Tenho um oldá, um bom-dia, é de bom grado. Quem quer?*

*Os gritos dos pneus multiplicando o tédio e o medo.  
Mulheres à silicone vendendo gato por lebre.  
Em cada gesto um mistério, em cada olhar um segredo.  
No bar um momento de paz para afogar o cansaço.  
E a lua também nascendo por entre os edifícios.*

*Algum poeta escrevendo poesia de neon.*

*No apartamento a TV traz a notícia, traz o mundo.  
Mas não me mostra a cara do meu vizinho.  
Um passarinho assustado pousou na varanda do quarto andar.  
Sorriu, cantou e voou por entre as árvores de pedra.  
Sou passarinho e moro na gaiola do quarto andar.*

*Cada dia é mais difícil conjugar o verbo amar.*

(\*)Deus Eclético - Verso do poeta Carlos Eugênio

Vilebaldo Nogueira Rocha  
2º lugar



**POESIA**

*Lucídio Freitas*

# Decadência

*O corpo birtô e o sonho  
já não vivem tanto.  
Clarões, vidas, conchas...  
proporções da espera.  
O sol decai como  
um antigo mistério.  
E sobre as raízes do homem  
o sonho exangue  
já não vive tantos necessários  
absurdos.  
Distante, pontes iluminadas  
apagam-se (trajeto falível).  
  
No sonho sem sal  
um anjo se dissolve  
lentamente.*

Francisco de Sales Barbosa  
3º lugar



CRÔNICA  
A. Tito Filho

# Da Imparcialidade

**V**ida ali não havia muitas. Era uma Comarca pequena, no meio do sertão agreste, onde os treze postes de energia elétrica da única rua existente davam perfeitamente para iluminá-la toda. Ali se vivia mal, ali se passava fome. Espiando os poucos animais que perambulavam pelas redondezas, percebia-se logo que tipo de vida seus donos levavam. Uns e outros viviam mal. Ali se passava fome.

Da vegetação não se podia esperar grande coisa: seca, encarquilhada, retorcida, ela não era melhor que os outros! Também vivia mal, também "passava fome".

Apenas essa idéia martelava a cabeça do jovem Juiz de Direito ao chegar a Cabaceira da Mata. Era ali que também iria viver, pelo menos, alguns anos? Entusiasmo de sobra ele trazia. Vocação, desde menino demonstrara ter. O que quisera toda a vida era isso - ser Juiz de Direito, muito justo, muito Imparcial. Com ele, apenas a lei tinha vez. Jamais deixaria que o mais leve comentário o desabonasse. Seria reto, honesto, acima de qualquer suspeita. Não faria mal algum começar por ali. Os Desembargadores não "nascem" nas grandes

capitais. Teria paciência e um dia, chegaria lá, que a Presidência do Tribunal de Justiça era para quem, como ele, tinha dedicado a mocidade, a força da juventude, à nobre causa da Justiça. Isso - seria justo, honesto, íntegro. Das suas sentenças poder-se-iam tirar lições de grande sabedoria. De cada decisão, uma prova de equilíbrio e saber jurídico.

Petrus se dá conta, então, que toda a cidade parou e olhou para ele, que há dias era esperado com tanta ansiedade. O primeiro Juiz de Direito da Comarca - entraria para a história daquele povo, com certeza.

Tivesse Petrus percebido sinistro brilho em alguns olhares e jamais teria conseguido jantar e dormir como o fez. E por sua cabeça não passou, mesmo em seus sonhos mais profundos, a paixão que despertara naquele povo sertanejo. Que suas paixões eles tinham, é bem verdade, e das fervorosas. O que havia de vibrante em cada um era direcionado para a política. Povinha político aquele!

Os dois partidos a tudo e a todos dividia. Os da oposição não moravam do mesmo lado da rua que os da situação. Paços eram dois; times de futebol, dois; horários de missa, dois; amplificadoras, duas. Estas, talvez, as grandes estimuladoras daquela luta ferrenha e sem trégua; pois aos sábados à noite, sempre, os políticos se digadilavam em ofensas orais, imorais, nas ditas amplificadoras, para seus partidários se deliciarem com tamanha coragem. Através delas, amplificadoras, tudo era dito, tudo transmitido e espalhado ao vento. Faziam vezes de jornal, de revista semanal. Não havia quem deixasse de ouvi-los, sempre aos sábados à noite.

Para ser a primeira semana até que fosse tranquila, pensou Petrus. Havia ainda outras coisas a aprender sobre Cabaceira. Havia medidas a tomar. Sim, entre elas a de se mudar de pensão. Talvez a outra pudesse dispor de um quarto só para a sua pessoa, que gostava de ler até mais tarde e não queria aborrecer seu companheiro de quarto, Isto mesmo, aproveitaria seu primeiro final de semana e fazia isto logo pela manhã - procuraria hospedagem na pensão em frente à sua.

E à noite, esticado em sua rede, relaxado o corpo das tensões do dia, ouve da amplificadora, como toda a sua comarca, a notícia que mudaria, para o resto de sua vida, seu conceito de Imparcialidade:

- Bomba! Bomba! Bomba! O Juiz mudou de lado! O Juiz mudou de lado!

Leda dos Santos Rocha Corrêa  
4º lugar no II Concurso de Crônicas A. Tito Filho

**resenha**



CRÔNICA  
A. Tito Filho

## A Paixão do Raimundo

**C**om esforço ergueu-se da cadeira preguiçosa. O cinto não abarcava mais a barriga cujo estômago - dilatado pelo doce, pelo fumo, perfurado pela ansiedade - declarou guerra, deu gastrite e ainda ameaçou:

- Vou virar uma úlcera!

Em estado de sítio, na sujeira da casa, ao turbilhão da voz estridente da mulher, diante das cobranças que o carteiro trazia, não se deixou intimidar.

- Cortaram a água! Berrou a empregada.

- Cortaram a luz! Assim não dá - vou perder a novela! Gritava a sogra.

A mulher, a sogra, a empregada, tudo um frenesi de reclamações dentro da sujeira, da imundície do campo de batalha que a casa virara.

Val fugir? Vai para a casa da rapariga? Indagou a filha.

- Ia, se a cueca não estivesse imunda porque sua mãe não lavou! Responde o coltado que há anos não sabia o que era sexo, nem paz, nem sossego.

Retirou-se e dirigiu-se ao boteco mais próximo - lá esperava ser compreendido.

do. Pôs a mão no bolso:

- Dá uma Pinga?

- Toma, cadê a grana?

Raimundo virou o copo, bebeu a cachaça, tirou a mão vazia do bolso, saiu correndo:

Fugia da inflação, dos juros, dos amigos, da mulher, da sogra, da empregada. Nem olhava o movimento ao seu redor. Caiu debaixo dum carro. Morreu feio, olhos estufados, cabelos sujos de sangue, língua de fora: a cara da inflação.

A família abriu o inventário, deixou:

uma casa - hipotecada

uma rádio - quebrada

um rádio - sem pilha

algumas dívidas

água cortada

luz bloqueada

E muita saudade no coração dos membros do "Sindicato dos Cobradores do Raimundo Palhão", que nada mais tinham para fazer.

Gleize das Santas Rocha Carvalho  
2º lugar no II Concurso de Crônicas A. Tito Filho